

Nutrição em saúde pública - 2021

Caracterização do estado nutricional e estilo de vida da população vegetariana e pescovegetariana no Brasil.

Bianca Guerra Bueno¹, Renata Maria Galvão Cintra², Silvia Justina Papini³.

¹ Pós-graduação, Departamento de enfermagem, Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), UNESP, Botucatu, SP, bolsa de estudos do Programa de Demanda Social da CAPES.

² Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação, Instituto de Biociências, Unesp, Botucatu, SP.

³ Departamento de enfermagem, Faculdade de Medicina (FMB), Unesp, Botucatu, SP.

Introdução: O vegetarianismo, forma de alimentação que exclui o consumo de qualquer tipo de carne animal e o indivíduo escolhe consumir ou não alimentos derivados de animais como ovos, leite e mel, segue com importante aumento no número de adeptos^{1,2}. Outras nomenclaturas têm surgido para designar pessoas que reduzem, de alguma maneira, o consumo de carne, mas não se classificam como vegetarianos. Um exemplo seria o termo pescovegetariano, pessoas que dos tipos de carne consomem apenas peixes e frutos do mar³. Devido ao aumento expressivo de adeptos que reduzem o consumo de carnes, entender como estes indivíduos se caracterizam e se diferenciam entre si torna-se relevante para profissionais da saúde e outras áreas, para que possam conhecer esse público e assim propor recomendações assertivas. **Objetivo:** Descrever as características sociodemográficas, de estilo de vida e classificação nutricional de indivíduos vegetarianos e pescovegetarianos. **Materiais e Métodos:** Estudo transversal observacional, realizado no formato online de coleta dos dados, por meio de divulgação em mídias sociais. Foram incluídos indivíduos adultos vegetarianos e pescovegetarianos, que realizassem essa prática alimentar no mínimo há 6 meses, e que responderam corretamente os questionários. Foi feita análise descritiva com o cálculo de média e desvio padrão para variáveis quantitativas e frequências e percentuais para variáveis categorizadas. **Resultados e discussão:** Aceitaram participar por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 1470 indivíduos, destes 55,4% se declararam ovolactovegetarianos que seguiam essa forma de alimentação entre 2 e 5 anos (49,3%) por razões de ética animal (56,5%). A maioria dos indivíduos tinham idade entre 18 e 34 anos (77,0%), se declarava como branco (76,2%), do sexo feminino (82,7%), da região sudeste (78,5%), com ensino superior completo (62,3%) e renda entre dois e cinco salários-mínimos (39,9%), sem companheiro (a) (66,6%) e não possuíam religião (38,6%). Em relação ao estilo de vida, a maioria dos participantes não eram fumantes (88,7%), relatavam um consumo de álcool de baixo risco para saúde (63,6%), se declaravam como ativos fisicamente (66,1%) e preparavam suas próprias refeições (72,1%). Eram na maioria, eutróficos (67,4%), classificados pelo IMC, através do peso e altura autorreferidos, e relataram ter contado com a ajuda de um profissional da área da saúde para ajudar nas questões do vegetarianismo/pescovegetarianismo (64,5%). **Conclusão:** Observa-se que a amostra estudada apresenta um alto nível de instrução, o que pode favorecer as características positivas encontradas de estilo de vida e classificação em eutrofia. Destaca-se também a busca por profissionais da saúde para ajudar na transição alimentar o que pode possibilitar menos desfechos negativos no que se relaciona a carência de nutrientes.

Bibliografia:

¹ Slywitch E. Guia alimentar de dietas vegetarianas para adultos [Internet]. Florianópolis: Sociedade Vegetariana Brasileira; 2012. 65 p. Available from: <https://www.svb.org.br/publicacoes/livros-de-receitas>

² Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Pesquisa de opinião pública sobre vegetarianismo [Internet]. 2018. p. 24. Available from: https://www.svb.org.br/images/Documentos/JOB_0416_VEGETARIANISMO.pdf

³ Phillips F. Vegetarian nutrition. Nutr Bull. 2005;30(2):132–67.

Agradecimentos: Apoio financeiro CAPES (Bolsa de demanda Social).

Impacto da pandemia da Covid-19 nos hábitos alimentares da população

Gabriela Balde Dos Santos Bezerra¹, Nayara Fernanda Rodrigues¹, Ana Julia Travençolo¹, Beatriz Luppi¹, Ingrid Beatriz Bertolini¹, Juliana Cristina Clementino Risatti¹, Juliana Arruda Ramos²

¹Graduação em Nutrição, Faculdade Gran Tietê, Barra Bonita, SP. gabriella_baldi@hotmail.com

²Professora do curso de Nutrição, Faculdade Gran Tietê, Barra Bonita, SP

Introdução: Devido às consequências relacionadas ao impacto da pandemia, os indivíduos estão mais estressados, cansados e inseguros. Isso tem sido associado a uma maior ingestão calórica através, principalmente, de alimentos processados e ultraprocessados, o que aumenta o risco de desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis como obesidade, hipertensão arterial, diabetes, doenças cardiovasculares, entre outras, cuja presença aumenta a gravidade e a letalidade da covid-19^{1,2}. **Objetivo:** Avaliar a mudança dos hábitos alimentares da população frente a pandemia de Covid-19. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo transversal realizado a partir de um questionário com questões objetivas e subjetivas sobre os hábitos alimentares. As informações foram colhidas através da plataforma Formulários Google® com divulgação via aplicativo de mensagens. O formulário ficou disponível entre os dias 19 e 26 de novembro de 2020. Os dados foram tabulados em planilha de Excel. **Resultados e Discussão:** Os participantes foram adultos, sendo a maioria do sexo feminino (70,7 %) com ensino médio completo (47,2 %) e residentes do centro-oeste paulista (82 %). Quarenta por cento dos entrevistados afirmaram melhora no hábito alimentar durante a pandemia, enquanto 59,6 % responderam piora nas escolhas alimentares. Esse maior número de pessoas afirmando piora na alimentação, provavelmente, está relacionado a diversos fatores como o aumento do cortisol devido ao estresse ocasionado pelo isolamento social; o medo em relação à possível escassez de alimentos, fazendo que aumentasse a compra de maiores quantidades de alimentos ultraprocessados pelo fato de durarem mais^{1,2}. A indagação sobre o uso de suplementos antes e durante a pandemia mostrou um aumento no uso destes a base de vitaminas e minerais. Já que antes da Covid-19, 10,4 % das pessoas tomavam e durante esse número passou a ser 16,5 %. Apesar de ser muito bem elucidado na literatura os benefícios de ter uma ingestão adequada de micronutrientes, ainda não há evidências de estratégias para suplementação de micronutrientes envolvendo a prevenção ou o tratamento da Covid-19^{1,3}. Também é importante ressaltar que o consumo de suplementação sem prescrições dadas por nutricionistas ou médicos não é segura. Somente 39 % dos entrevistados consomem alimentos *in natura* e minimamente processados duas vezes ou mais por dia. E 13 % e 22% consomem uma e duas a quatro vezes na semana, respectivamente. Aproximadamente 19 % da população entrevistada consome alimentos ultraprocessados todos os dias. Através dos dados sobre o consumo de marcadores de alimentação saudável e não saudável obtidos foi possível perceber que a população estudada está muito aquém das recomendações preconizadas para uma alimentação saudável, baseada em alimentos naturais. Demonstrando preocupações em relação ao desenvolvimento de complicações relacionadas a esses hábitos alimentares como o aparecimento de doenças crônicas, como diabetes, obesidade, hipertensão arterial, câncer e doenças cardiovasculares, mas também em relação a complicações da infecção por Covid-19. Visto que a alimentação baseada em grande parte ou exclusivamente de vegetais, grãos, leguminosas ou outros alimentos derivados de plantas, tem efeito protetor para formas mais graves da Covid-19⁴. **Conclusão:** Conclui-se uma piora nos hábitos alimentares dos brasileiros durante a pandemia da Covid-19, acendendo um alerta à população, já que se percebe tendência em elevar as doenças crônicas além de aumentar a gravidade e a letalidade da covid-19. Portanto se faz necessário os métodos preventivos como políticas públicas envolvendo educação alimentar e nutricional.

Bibliografia:

¹ DEMOLINER, F.; DALTOÉ, L. COVID-19: nutrição e comportamento alimentar no contexto da pandemia. Revista Perspectiva: Ciência e Saúde, Osório, v. 5, n.2, p.36-50, 2020.

² STEELE, E.M. et al. Mudanças alimentares na coorte NutriNet Brasil durante a pandemia de covid-19. Revista de Saúde Pública, v. 8, n. 3, p. 54-91, 2020.

³ CFN - Conselho Federal de Nutricionistas. "Nota Oficial: Orientações à população e para os nutricionistas sobre o novo coronavírus". Portal Eletrônico do CFN [2020]. Disponível em <www.cfn.org.br>. Acesso em: 16/10/2020.

⁴ KIM, H.; REBHOLZ, C.M.; HEGDE, S. et al. Plant-based diets, pescatarian diets and COVID-19 severity: a population-based case-control study in six countries. BMJ Nutrition, Prevention & Health 2021, doi: 10.1136/bmjnp-2021-000272.

Hospitalizações por Desnutrição e Anemia em crianças paulistas

Jéssica Moreira Fernandes¹, Cássia Soares Cabral¹, Jéssica Balbi Prado², Bruno Luis Nascimento dos Santos², Maria Helena da Costa³, Daniele Cristina Ribeiro dos Santos⁴.

¹Enfermeira, Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e Atenção Básica, UNIFAI, jessica-fernandes-@outlook.com; cassia.cabral.nsp@gmail.com

²Nutricionista, Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e Atenção Básica, UNIFAI, jessica-balbi@hotmail.com; brunoluisnascimento_@hotmail.com

³Fisioterapeuta, Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e Atenção Básica, UNIFAI, maria_helenaacosta@live.com

⁴Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Coordenadora de saúde mental, CAPS, Prefeitura do Município de Adamantina, ribeiro_82@hotmail.com

Introdução: Sabe-se que as crianças são vulneráveis a deficiência nutricional devido ao rápido crescimento e a imaturidade fisiológica e imunológica que possuem^{1,2}. Nesse contexto, o estado nutricional configura-se como um fator importante extremamente importante, visto que a anemia e a desnutrição infantil caracterizam-se como graves problemas de saúde pública, gerando gastos onerosos ao sistema de saúde¹. **Objetivo:** Analisar a prevalência de internações hospitalares devido a anemia por deficiência de ferro, outras anemias, casos de desnutrição, sequelas de desnutrição e de outras deficiências nutricionais em crianças de até nove anos no estado de São Paulo, nos últimos quatro anos. **Materiais e Métodos:** Estudo retrospectivo, de caráter quantitativo analítico, por meio de dados coletados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH) no DATASUS. A busca se restringiu aos casos de internações entre 2017 e 2020, tendo como causa a Anemia por deficiência de ferro, outras anemias, Desnutrição, Sequelas de desnutrição e de outras deficiências nutricionais em crianças de até 9 anos. **Resultados e Discussão:** De 2017 a 2020, 582 crianças foram internadas devido Anemia por deficiência de ferro, 7.437 por outras anemias, 1.604 devido a desnutrição e 2 com sequelas de desnutrição e de outras deficiências nutricionais. O ano de 2019 é o que mais apresenta internações (2.674). A faixa etária mais atingida em todos os anos analisados é a de 1 a 4 anos de idade. O último ano avaliado (2020) apresentou queda (31,7%) no número de crianças internadas devido a Anemia por deficiência de ferro, outras anemias e a Desnutrição. Nesse contexto, a desnutrição afeta principalmente populações de baixa renda, onde as mães possuem baixa escolaridade, além de pouco acesso a informações sobre uma dieta equilibrada para seus filhos. Verifica-se que a carência nutricional ocorre devido à digestão de alimentos carentes ou pobres em ferro, aliado ao desmame precoce do aleitamento materno, já que apenas 42% das crianças menores 6 meses de idade são amamentadas exclusivamente³. No organismo, as consequências da deficiência de ferro vão desde a perda de apetite e distúrbios neuropsicomotores até aumento na suscetibilidade ao desenvolvimento de infecções e suas repetições em curto período de tempo¹. Já a desnutrição é agravada e agravante em infecções de repetição e ainda é associada a níveis elevados de morbimortalidade ocasionando consequências também no desenvolvimento infantil com alteração cognitiva e de crescimento, sistema imune debilitado e capacidade reprodutiva baixa na idade adulta⁴. **Conclusão:** Apesar da queda no número de casos em crianças, condições preveníveis como a Desnutrição e a Anemia não deveriam mais existir no estado. Assim, torna-se necessário a capacitação dos profissionais que atuam na Atenção Primária à Saúde, a implantação de ações de educação em saúde voltadas para a comunidade.

Bibliografia:

¹ SILVA, J. da; JANTSCH, L. B.; WASUM, F. D.; SILVA, E. da; RUBERT, R. Prevalência de internações hospitalares por desnutrição e anemia em bebês menores de um ano. *Brazilian Journal of health Review*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 91- 98, 2019.

² LIMA, D. B., FUJIMORI, E., BORGES, A.L., SILVA, M.M. Feeding in the two first years of life. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45, p. 1705-1709, 2011.

³ BRASIL. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). **Má alimentação prejudica a saúde de milhões de crianças em todo o mundo**. 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/desnutricao>. Acesso em: 15 nov. 2019.

⁴ CHAGAS, D. C. D.; SILVA, A. A. M. D.; BATISTA, R. F. L.; SIMÕES, V. M. F.; LAMY, Z. C.; COIMBRA, L. C.; ALVES, M. T. S. S. D. B. Prevalência e fatores associados à desnutrição e ao excesso de peso em menores de cinco anos nos seis maiores municípios do Maranhão. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 16, n. 1, p. 146-156, 2013.

Associação entre as habilidades culinárias das mães e o estado nutricional de pré-escolares: estudo transversal.

Talita Miranda Torres¹, Maria Luisa Bento¹, Michelly da Silva Alves², Maria Antonieta de Barros Leite Carvalhaes³.

¹Graduação em Nutrição, Instituto de Biociências, Unesp - Botucatu, SP

²Nutricionista, Pós Graduação em Enfermagem - Unesp - Botucatu, SP

³Departamento de Enfermagem - Faculdade de Medicina de Botucatu - Unesp - Botucatu, SP

Introdução: Um estudo recente detectou que a confiança nas habilidades culinárias foi inversamente proporcional ao consumo de alimentos ultraprocessados pelas crianças¹. Além disso, sabe-se que o hábito de cozinhar promove autonomia, autocuidado e estimula hábitos alimentares mais saudáveis². Assim, com base na literatura, é possível supor que pais com boas habilidades culinárias tenham crianças com melhor estado nutricional, em comparação aqueles com menores habilidades culinárias³. Considerando o aumento da prevalência de obesidade infantil em termos globais⁴, conhecer as habilidades culinárias dos responsáveis pela alimentação das crianças passa a ser muito relevante⁵. **Objetivo:** Investigar a associação entre as habilidades culinárias do responsável pelas refeições e o estado nutricional de crianças em idade pré-escolar. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo transversal que avaliou as habilidades culinárias de 115 responsáveis (94% eram a mãe) por crianças entre dois e seis anos de idade, matriculadas em pré-escolas públicas do município paulista. A coleta de dados antropométricos (peso e altura) ocorreu antes da pandemia de covid-19 e foi realizada por graduandas de nutrição, treinadas e supervisionadas por uma das autoras. Com tais medidas foi calculado o escore-Z de IMC da criança, classificado segundo o padrão da OMS, 2006⁶. Já durante o início da pandemia, foi aplicado ao responsável pela alimentação da criança um questionário, com 10 perguntas, que afere habilidades culinárias⁷, gerando um escore que varia de 0-100 pontos, em que quanto maior a pontuação, maiores as habilidades. Essa aplicação foi feita por telefone, devido às restrições decorrentes da pandemia. As análises foram realizadas no *software* SPSS v2.0, com as diferenças de estado nutricional segundo tercís do escore de habilidades culinárias avaliadas pelo teste Qui-quadrado de Pearson, adotando-se $p < 0,05$ como nível crítico. **Resultados e Discussão:** A pontuação média da escala de habilidades culinárias foi de 80,11 (desvio-padrão 14,9; mínimo 33,3 e máximo 100), com pequena variação segundo o estado nutricional da criança. A proporção de crianças que apresentaram obesidade foi de 4,8% e 16,7% apresentaram excesso de peso (sobrepeso ou obesidade). Não houve diferença na proporção de crianças com excesso de peso ou com obesidade segundo os tercís do escore de habilidades culinárias, $p=0,834$ e $p=0,853$, respectivamente. O escore de habilidades obtido foi próximo do reportado por Martins et al., 2020¹ para pais de escolares entre 7 e 8 anos que frequentavam escolas particulares do município de São Paulo. A ausência de associação entre as habilidades culinárias maternas e o estado nutricional das crianças indica que outros fatores precisam ser investigados. **Conclusão:** As mães de pré-escolares apresentam escore médio de habilidades culinárias elevado, semelhante ao reportado para pais de escolares que frequentam o ensino privado e, ao contrário da hipótese, não houve associação entre o escore de habilidades culinárias e o estado nutricional das crianças.

Bibliografia:

¹MARTINS, A.C; MACHADO, P.P; LOUZADA, C.L.M; LEVY, B.R; MONTEIRO. Parents' cooking skills confidence reduce children's consumption of ultra-processed foods. *Appetite*, v. 144, p. 104452, 2020.

²UGGIONI, P.L; ELPO, F.M.C; GERALDO, G.P.A; FERNANDES, C.A; MAZZONETTO, C.A; BERNARDO, L.G. Habilidades culinárias em tempos de pandemia pela Covid-19. *Revista de Nutrição*, v. 33, 2020.

³MELO, M. C; DE OLIVEIRA, G. S; DA SILVA, A. E. A; DA SILVA, D. S. P; DE AZEVEDO, T. K. B. Crianças pré-escolares: uma revisão sobre o consumo de alimentos industrializados. *Revista Humano Ser*, v.3, n.1, 2018.

⁴NCD Risk Factor Collaboration Worldwide trends in body-mass index, underweight, overweight, and obesity from 1975 to 2016: a pooled analysis of 2416 population-based measurement studies in 128· 9 million children, adolescents, and adults. *The lancet*, v. 390, n. 10113, p. 2627-2642, 2017.

⁵BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia alimentar para a população brasileira*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

⁶OMS. *The WHO child growth standards*. 2006. Disponível em: <<http://www.who.int/childgrowth/en>>. Acesso em: 23 ago.2021.

⁷MARTINS, A.C; MACHADO, P.P; LOUZADA, C.L.M; LEVY, B.R; MONTEIRO, A.C. Cooking Skills Index: Development and reliability assessment. *Revista de Nutrição*, São Paulo - SP, v. 32, 2019.

Modificações de práticas alimentares durante a pandemia de COVID-19: Retrato de usuários da Atenção Primária à Saúde

Daniella Cristina Vaz¹, Bárbara Fraga Rosa¹, Grazielle Fernanda Rosa de Souza¹, Gustavo Schemer da Fonseca Soares¹, Vivian Lovison do Amaral¹, Caroline de Barros Gomes²

¹Curso de graduação em Nutrição, Centro Universitário Sudoeste Paulista – UNIFSP – Avaré, SP, danny.vaz13@gmail.com.

²Centro Universitário Sudoeste Paulista – UNIFSP – Avaré, SP.

Introdução: A pandemia de COVID-19 impactou o cotidiano das pessoas em diversos aspectos. O isolamento social provocou a maior permanência das pessoas em suas casas, o que resultou em mudanças em suas rotinas, dentre as quais destaca-se a alimentação. Fatores como redução na renda familiar e, conseqüentemente, menor aquisição de determinados alimentos, podem afetar os hábitos alimentares negativamente. Assim como a maior preocupação com a saúde e melhora da imunidade em um contexto de pandemia podem ter influência em melhores escolhas. **Objetivo:** Investigar mudanças de práticas alimentares de usuários da atenção primária à saúde durante a pandemia de COVID-19. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo transversal, realizado em 10 unidades de Atenção Primária à Saúde, na cidade de Avaré – SP. As mudanças nas práticas alimentares no período de pandemia foram investigadas através de relato dos usuários, com aplicação de questionário socioeconômico, de consumo alimentar, assim como questões relativas às mudanças de práticas alimentares nesse período. A seleção das unidades ocorreu mediante caráter geográfico, para abranger todas as regiões do município, informação esta repassada pela Secretaria de Saúde. As entrevistas foram realizadas por alunos de graduação em Nutrição previamente treinados, na própria unidade de saúde, em dias de atendimento médico, até 0,5% da população de abrangência de cada unidade de saúde ser atingida, totalizando 207 usuários, maiores de 18 anos, de ambos os sexos, que assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. Foram realizadas análises descritivas no programa SPSS v.20.0. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (FMB-UNESP) sob parecer nº: 4.552.389. **Resultados e discussão:** Do total de usuários entrevistados, 73,9% eram do sexo feminino, e 40,1% possuíam ensino fundamental incompleto, com média de idade de 47,9 anos. Observou-se que, 67,6% dos entrevistados ou alguém de sua residência não perdeu o emprego, ou atividade remunerada no período, porém, 47,3% relataram que houve redução da renda. Sobre mudanças no consumo de algum alimento ou grupo alimentar (sem discriminação de qual), mais da metade (59,9%) referiu que teve redução e 52,2% relataram aumento de consumo. Também foi observado que 38,2% dos usuários relataram dificuldades financeiras para a aquisição de alimentos, dos quais 70,1% inferiram não possuir tal dificuldade antes do início da pandemia. O consumo de carne teve redução de 60,4%, sendo que 94,4% relataram que ocorreu por questões financeiras. Mais da metade dos entrevistados (52,2%) alegaram ter cozinhado mais em casa neste período. Recentes estudos apontam que, a pandemia de COVID-19, implicou em aumento dos comportamentos de risco à saúde, dentre os quais citam o aumento do sedentarismo, do consumo de bebidas alcoólicas e do tabagismo¹. Além do mais, mostram que, dentre as principais mudanças nos hábitos alimentares, destaca-se o aumento no consumo de alimentos ultraprocessados, com alta densidade energética, ricos em açúcares e gorduras². **Conclusão:** A pandemia de COVID-19 refletiu em mudanças nas práticas alimentares dos usuários da Atenção Primária à Saúde, alterando o consumo de determinados alimentos ou grupos alimentares. Este achado endossa a necessidade de compreensão das mudanças alimentares nesse período, desde para a formulação de políticas públicas, como subsidiar orientações alimentares efetivas, tanto durante o contexto da pandemia como também após a sua resolução.

Bibliografia:

¹ MALTA D. C.; SZWARCOWALD C. . BARROS M. B.; GOMES C. S.; MACHADO Í. E, SOUZA PR.; ROMEU D. E.; LIMA M. G.; DAMACENA G. N.; PINA MD.; FREITAS MI. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. 2020 Sep 25;29.

² STEELE, E. M.; RAUBER F.; COSTA, C. D.; LEITE, M. A.; GABE, K. T.; LOUZADA, M. L.; LEVY, R. B.; MONTEIRO, C. A. Mudanças alimentares na coorte NutriNet Brasil durante a pandemia de covid-19. **Revista de Saúde Pública**. 2020 Sep 4;54.